

O Movimento de Natal e a gênese da colusão entre catolicismo e marxismo em meados da década de 1950

RENATO AMADO PEIXOTO*

Esta comunicação pretende colocar certas premissas de diálogo acerca das transformações na atuação e organização da Igreja no Brasil durante as décadas de 1940 e 1950, principalmente no que se refere à relocação do seu centro de decisão, à sua opção por uma Pastoral de Conjunta baseada no esforço dos leigos e à aproximação de leigos e religiosos com a produção de um pensamento e uma prática ligada à esquerda política.

Colocando essas premissas a partir da comparação do caso brasileiro com o caso argentino por meio das colocações de José Zanca (2013), penso que, no caso do país vizinho o campo católico antifascista foi dinamizado pela visita de Jacques Maritain à América Latina em meados da década de 1930, mas, no caso brasileiro ela serviu para transformar posições já comprometidas com uma aproximação com a versão brasileira do fascismo, exemplificada nas falas e atuação de padre Hélder Câmara e dos intelectuais Alceu Amoroso Lima e Otto de Brito Guerra.

Nesse sentido, acredito que é necessário pensar essa diferença, através de uma analítica sensível às diferenças e transformações. Na continuidade de nosso trabalho temos buscado refletir em torno da teoria da 'Religião Política' e procurado desenvolver um de seus conceitos de reflexivos, a 'colusão', i.e., a confluência e síntese de posições antitéticas, com a transformação das crenças religiosas para que estas se adaptassem ao político. na busca de conseguir discernir não apenas as razões de aproximação do catolicismo com o fascismo, mas considerar a aproximação do catolicismo com o político enquanto um processo, cuja produção

* Professor Programa de Pós-Graduação e do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Doutor em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

é orientada na direção de um dado espécime do político. No exame de uma amostra do caso brasileiro, fornecida pela Diocese de Natal, no Rio Grande do Norte, acreditamos ser possível apontar este processo, desde sua primeira aproximação com o político tradicional, para sua colusão com o fascismo, e, na sua reaproximação com o tradicional, até uma nova colusão, desta vez com o marxismo (PEIXOTO, 2015; 2016; 2017a; 2017b).

Contudo, outra complexidade há que ser destrinchada, a questão de ter de se empreender uma analítica do catolicismo no Brasil que considere as suas traduções locais e regionais, mesmo porque ela impõe diante do consenso de que o processo de recatolicização foi acompanhado pela estratégia da expansão diocesana.

Neste ponto, cabe dizer que muitos repisam duas noções que atrapalham o raciocínio das transformações do político e do religioso nas escalas espaciais. A primeira noção é aquela que considera a relação entre o centro e a periferia em termos puramente hegemônicos e/ou mecanicistas e que descortina no exame dessa relação a imposição dos padrões centrais e a subsequente transferência para a periferia dos instrumentos que regulam a sua dominação. A segunda é a que resulta em pensar a incorporação dos valores centrais pela cultura periférica nos termos de uma adesão irrefletida e/ou da mistura não criativa.

Ao contrário disto, a partir de Edward Shils (1992), procuramos pensar as ideias de centro e periferia enquanto um processo de integração e partilha de certas culturas comuns, resultantes de vários processos ou fatores independentes (p. 150-152). Neste sentido, a integração entre o centro e as periferias nunca seria homogênea, constante ou contínua, mas a resultante do acordo entre suas várias partes, por meio do que se estabeleceria não apenas a legitimidade do centro, mas também sua transcendência, possibilitando a este prescindir de localização no tempo e no espaço e situar-se cada vez mais na promoção da cultura partilhada e na proteção dos seus agentes (SHILS, 1992, p. 165).

Todavia, ainda caberia salientar que o raciocínio da relação entre o político e o religioso nas escalas espaço-temporais deve ser desenvolvido a partir de posições como àquela esposa por Homi Bhabha, i.e., que a hibridização das culturas central e periférica forja continuamente um ‘entre-lugar’, onde a cultura central é interpretada e rearticulada para ser

devolvida à cultura partilhada (1998, p. 256-261), inclusive porque esta é uma prática cujo nexo pode ser remetido às articulações de alguns dos principais contedores no campo católico, especialmente no que tange à Sociedade de Jesus.

Entendemos que essa ‘espacialização’ se constitui numa operação no sentido em que vários espaços e tempos são ali tomados conjuntamente – outras espacializações, locais, regionais e nacionais, instruindo uma operação de ‘espacialização’ do próprio centro. Assim, o sentido da operação não é apenas passivo ou dirigido, mas ativo e também reflexivo: toda espacialização se constitui como uma des-espacialização e uma des-constituição de outras espacializações precedentes ou contemporâneas, porquanto desloca – ativa e masculinamente –, mas, recebe e concebe – passiva e femininamente. Assim, compreendemos que o raciocínio das transformações do político e do religioso nas escalas espaciais deve empregar a noção de que vários espaços e tempos locais, regionais e nacionais foram conjuntamente tomados/recebidos –, e, por conseguinte, se possibilita o deslizamento do tempo para a alocação do inventado, fabricado ou reelaborado. Penso que podemos dizer da *cumplicidade* de uma origem comum a partir desse *comparecer* e que podemos investigá-lo como a condição de todo *aparecer* das suas representações, e, seria nesse sentido de comparecimentos e de re-apareceres que situamos um roteiro possível para a investigação do amálgama do catolicismo e do político nos casos regionais e locais (PEIXOTO, 2014, p. 56).

Numa preocupação já esboçada na organização do livro “Olhares sobre os catolicismos no Centro-Oeste, Nordeste e Norte do Brasil” (PEIXOTO & RODRIGUES, 2016) buscamos pensar nas traduções locais e regionais dos temas fornecidos pelo catolicismo e de sua reincorporação ao sistema central desse mesmo catolicismo.

Essa questão ganha ainda mais relevância se pensarmos nas transações e transições políticas e espaciais que foram características da recatolicização: a compressão espaço-política do sistema central num mesmo local, o Rio de Janeiro, junto à Nunciatura Apostólica, na Capital da República, em torno da Arquidiocese do Rio de Janeiro, do Centro Dom Vital e da figura do único cardinalato da América Latina. Há que se pensar que essa liderança se ancorava numa polaridade diocesana centro-sul que forneceu o modelo da Liga Católica e sua

transição para o modelo Nordeste-Norte da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (PEIXOTO, 2017b: 308-309).

A Gênese do Movimento de Natal

Deve se colocar que essa nos ficou apontada a partir da reedição, expandida e atualizada, do livro “Igreja e Movimento – O Movimento de Natal” e se torna necessário explicitar que certas questões podem ser descortinadas a partir do exame de sua escrita.

Afinal, Ferraro chegou ao Brasil poucos dias de acontecer o Golpe Militar de 1964; alcançou o Recife e rumou para a cidade de Natal antes que a Repressão pudesse suprimir o seu objeto de pesquisa. Na manhã mesmo do anúncio do Ato Institucional nº 5 conseguiu retirar duzentos exemplares de Igreja e Desenvolvimento da gráfica onde seguia a sua impressão; auxiliado por simpatizantes de sua causa nos Correios, logrou enviar para Roma boa parte dos livros que lhe restaram, onde estavam sendo aguardados para cumprimento da exigência de seu doutorado.

A maior parte dos exemplares retirados da gráfica ficou escondida num porão em Natal para serem resgatados pelo autor apenas vinte anos depois. Apesar disto tudo, Igreja e Desenvolvimento foi passado de mão em mão, e, dos militantes do Movimento de Natal até os pesquisadores, acabando por se tornar um livro bastante citado nas áreas da História do Catolicismo, da Pedagogia, das Ciências Sociais e da História do Rio Grande do Norte.

No auge da Ditadura, em 1969, Alceu Ferraro foi solto da prisão por uma enxurrada de fiéis, endossados, inclusive, por aqueles que defendiam o Regime Militar; depois conseguiu alcançar o cargo de professor universitário na UFRGS apesar de estar fichado no DOPS/RS e, de Igreja e Desenvolvimento ter sido apontado como “altamente subversivo”.

E, passados mais de cinquenta anos da sua publicação, poucas pessoas leram ou mesmo pousaram suas mãos sobre um exemplar de Igreja e Desenvolvimento – O Movimento de Natal, mas, ainda assim, este livro permanece sendo lembrado e citado. Por que isto?

Por um lado, aponte para o leitor os acontecimentos curiosíssimos que uniram o autor e seu texto, e, apenas por isso já se poderia justificar a sua publicação, instigando, se vivo fosse,

Jorge Luis Borges a tecer, com seus dedos, um daqueles contos onde o leitor descuidaria de conhecer o limite entre o sonho e a realidade.

Por outro lado, cabe revelar a importância e a originalidade de Igreja e Desenvolvimento. Este era, originalmente, parte do esforço de doutoramento desenvolvido por Alceu Ferraro na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (PUG), instituição ligada à Companhia de Jesus. Por conta disto, seu trabalho contava com um cuidadoso e rigoroso aporte metodológico e teórico, gozando de acesso facilitado às fontes. Ferraro recebeu auxílio direto da Arquidiocese de Natal e da Fundação José Augusto, na forma de equipamento, de pessoal técnico, e de auxiliares de pesquisa, um esforço relativamente raro para o Brasil de sua época e, que resultou num alcance investigativo muito abrangente e profundo do seu objeto, o Movimento de Natal.

Este Movimento era então a principal frente de aplicação do método Paulo Freire e, vinha se constituindo numa experiência inédita no catolicismo brasileiro, o da 'Pastoral de Conjunto', incentivada pela CNBB, apoiada diretamente por D. Hélder Câmara e administrada por D. Eugênio Salles e, que tinham interesse direto na pesquisa de Alceu Ferraro. É interessante observar que D. Hélder e D. Eugênio seriam grandes protagonistas no embate religioso e político do país nas décadas seguintes, inclusive, liderando correntes divergentes da Igreja Católica do Brasil. A narrativa das origens destes protagonismos e dos problemas que explicariam os seus afastamentos já garantiria a Igreja e Desenvolvimento o status de texto obrigatório para aqueles que desejassem aprofundar o entendimento de questões fundamentais acerca da relação entre a História Política e a História da Religião na América Latina da segunda metade do século XX.

Além disso, devemos observar que Natal era também um palco da atuação direta do Estado brasileiro, resultado do interesse pessoal demonstrado pelos presidentes Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros (ver a 'Introdução' desta obra) e que acabaria se consubstanciando no Movimento de Educação de Base (MEB). Este foi então articulado como uma atividade de alfabetização e de inscrição da cidadania, destinada a desarticular a dominação tradicional das oligarquias nordestinas, contando com a arregimentação de novos

eleitores desligados das práticas tradicionais. A Igreja era naquele período um aliado necessário do Estado brasileiro, por conta de ser a única instituição capaz de projetar esse esforço tanto nas periferias das grandes cidades da região quanto nos seus grotões profundos.

Esta circunstância derivava daquilo que Alceu Ferraro descreveu enquanto uma atividade continuada da Diocese de Natal a qual fora urdida numa trama inédita, onde a seca e o subdesenvolvimento se reuniam à saída dos efetivos estadunidenses e ao fechamento das Bases aliadas no Rio Grande do Norte com o fim da Segunda Guerra Mundial.

Na visão de Alceu Ferraro, a atividade continuada da Arquidiocese de Natal visaria, por conseguinte, colocar a Igreja a frente tanto da ultrapassagem da dominação oligárquica quanto do desenvolvimento da região. Estas circunstâncias excepcionais permitiam a transformação da Igreja Católica brasileira e o experimento, no ‘Movimento de Natal’, de uma nova organização lastreada no trabalho dos leigos e baseada no trabalho com os mais humildes.

O experimento inédito da ‘Pastoral de Conjunto’ era colocado então, pela própria CNBB e pelos organizadores do ‘Movimento de Natal’, enquanto inspiração para as ideias que visavam a transformação da Igreja universal, entrevistas no Concílio Vaticano II, e, para a Igreja latino-americana, na Conferência de Medellín em 1968, o que explica o interesse direto de D. Hélder Câmara e D. Eugênio Salles no projeto de pesquisa liderado por Alceu Ferraro.

Fato é que “Igreja e Desenvolvimento” apenas aponta, mas não explica (caso do livro homônimo de Cândido Camargo, de 1971), que essas novas ideias sinalizavam a ascensão da esquerda católica brasileira, então motivada pelo pensamento do padre Henrique Lima Vaz (FÁVERO, 2006, p. 64-65) e, que estas juntavam o catolicismo ao marxismo, gestando algumas das correntes e atuações progressistas que influenciariam o catolicismo nas décadas seguintes, como a Juventude Universitária Católica (JUC), a Ação Popular (AP), as Comunidades Eclesiais de Base (CEB) e a Teologia da Libertação.

Assim, a reedição, expandida e atualizada, do livro “Igreja e desenvolvimento” – O movimento de Natal” de Alceu Ferraro nos coloca pelo menos três questões:

Em relação ao político, o binômio ‘conscientização e politização’ nos revela a colusão do catolicismo com o marxismo, considerado o peso do pensamento de padre Henrique Vaz e da atuação de Paulo Freire no “Movimento de Educação de Base” (MEB).

No que tange ao econômico a questão do desenvolvimentismo mostra-se já sendo transacionada pelo ativismo político, conforme pode ser notada no primeiro capítulo suprimido da edição original do livro, o qual relatava a movimentação de Eugênio Salles frente às contingências da política nacional e local, o que reflete certas preocupações da Constituição Apostólica “Gaudium et Spes”, núcleo das elucubrações do Concílio Vaticano II e que, poderiam insinuar um precedente para aquilo que viria a ser denominado como a “Teologia da Libertação”.

No caso da movimentação dos leigos no Movimento de Natal e da questão mesma de que este era visto como um protótipo da Pastoral de Conjunto pelo CRB e pela CNBB nos apresenta mesmo a oportunidade de recolocar o Movimento de Natal como uma atividade de importância fundamental para a compreensão das transformações da Igreja no Brasil e, talvez, para o desdobramento de certas questões colocadas da Conferência de 1968 em Medellín.

A insistência na colusão como instrumento analítico

O ponto em que se nos apresenta a discussão é a gênese da colusão com o marxismo nos coloca defronte de um paradoxo, afinal ela decorreria do afastamento em relação ao fascismo e pela repetição de vários de seus personagens.

E, por que insistir no conceito de colusão? Este nos permite trabalhar uma perspectiva combinada da História Política e da História da Religião orientada por uma analítica capaz de articular a categoria 'Religião' a um metajogo do 'Político', por conseguinte, permitindo a ultrapassagem do discurso moderno que constituiu uma autoidentidade para o historiador secular, histórica e conceitualmente parasitária da invenção do religioso e da Religião. Esta perspectiva tem sido amplamente testada nos últimos cinco anos no cerne da teoria da 'Religião Política' [Political Religion] e, se mostrado bastante frutífera, tanto na explicação dos acontecimentos pregressos quanto para aplicação na História do Tempo Presente (PEIXOTO, 2017b).

Em nosso exame, isto nos propicia primeiro, compreender um fenômeno que se repetiu no âmbito da Igreja do Brasil, a transição abrupta de líderes católicos em termo de suas posições no campo político e religioso, da direita para a esquerda, tais como Alceu Amoroso Lima e Hélder Câmara. Segundo, nos ajuda a bem distinguir a transformação da estrutura de decisão e organização na Igreja do Brasil, de uma posição espacialmente concentrada na cidade do Rio de Janeiro e marcada por uma liderança personalista e distinguida na figura de seu cardeal e arcebispo, para uma posição espacialmente difusa e uma liderança colegiada na forma tomada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Por que argumentar-se com a investigação do caso da Arquidiocese de Natal?

Primeiro, por conta do Movimento de Natal ter sido identificado e nomeado, em 1962, em meio aos preparativos para o Concílio Vaticano II, pela CNBB e pela Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) enquanto uma experiência piloto para a reorganização da Igreja do Brasil na forma da 'Pastoral de Conjunto' e, nesse sentido, foi apoiado pela CNBB e esquadrihado por pesquisadores ligados à Igreja, caso de Alceu Ferraro.

Segundo, porque já mapeamos nesse mesmo recorte espacial a colusão do catolicismo com o fascismo na década de 1930, fenômeno bastante marcado nas ideias manifestadas no diário A Ordem, da Diocese de Natal, quanto na atuação do principal intelectual católico norte-rio-grandense, Otto Guerra, um dos principais articuladores, junto com D. Eugênio Salles, do Movimento de Natal.

Terceiro, porque acreditamos que a colusão do catolicismo com o Marxismo no final da década de 1950 e início da década de 1960 pode ser observado em certas atividades articuladas ao Movimento de Natal, especialmente no caso da campanha de alfabetização e educação de adultos levada a cabo em colaboração com o Movimento de Educação de Base (MEB), a partir dos experimentos de Paulo Freire e norteadas pelo pensamento de padre Henrique Vaz.

No âmbito mais restrito desta comunicação visamos distinguir os pensamentos e atividades que marcaram a colusão do catolicismo com o político, a qual se deslocou desde o

fascismo até o marxismo. Neste sentido, se deve frisar que o trabalho com o conceito já considera a aproximação do catolicismo com o político enquanto um processo, cuja produção é orientada na direção de um dado espécime do político, seja o fascismo ou o marxismo, em razão de certos contextos que devem ser explicados pelo analista. Por conseguinte, se torna necessário, no trabalho com o conceito, explicitar as questões e ideias do religioso e do político que possibilitaram tanto a interrupção do direcionamento para o primeiro espécime, o fascismo, quanto sua manutenção enquanto processo, para, somente depois, discernir o direcionamento para o segundo espécime, o marxismo.

A gênese da colusão no caso da Arquidiocese de Natal

Por conseguinte, visamos aqui apontar as ideias e condições que, no recorte da Arquidiocese de Natal, possibilitaram a manutenção do processo de colusão com o político e onde se podem já avistarem certas condições de um futuro deslocamento. Embora tanto a tradução das tramas do catolicismo para o local quanto o seu retorno para o nacional devam ser examinadas com cuidado, acreditamos ser possível, dadas as condições já apontadas, que o exame dessas tramas permita a constituição de aproximações e relações noutros recortes e escalas.

No caso da Arquidiocese de Natal há que se esclarecer que nesta já vinha se desenvolvendo, desde o início da década de 1930, um grande envolvimento de seu bispo diocesano, D. Marcolino Dantas, na política local, na forma de apoio aos interventores federais contra as oligarquias afastadas do poder pela Revolução de 1930. Seu esforço se dirigiu no período para buscar reunir o clero norte-rio-grandense sob sua liderança e organizar uma base de apoio político ao seu projeto de influir na política estadual e recuperar na Constituinte Estadual as prerrogativas perdidas com o advento da República. Como a articulação da Liga Católica local não surgiu o efeito desejado nas eleições de 1932 e 1933, D. Marcolino apoiou decisivamente a criação da seção estadual da Ação Integralista Brasileira (AIB) pelos membros da Congregação Mariana de Moços e, ao mesmo tempo, investiu frontalmente na formação de novos religiosos no Seminário de São Pedro, sediado em Natal.

Boa parte da interpretação da manutenção do processo de colusão depende de considerarmos que os iniciadores do processo, Luiz da Câmara Cascudo e Otto Guerra, então os principais líderes e intelectuais católicos leigos norte-rio-grandenses, frequentaram ou foram formados no influxo que reunia o reacionarismo católico ao fascismo, a Congregação Mariana e a AIB, enquanto que os seus continuadores do processo já foram formados após o seu desligamento do fascismo, sob a égide de D. Marcolino.

Nesse período D Marcolino entregou a publicação do jornal da Diocese aos cuidados dos Marianos e, desde 1935 até 1952 este periódico foi editado por Otto Guerra sob o nome de *A Ordem*. Otto Guerra era um dos principais dirigentes da AIB do Rio Grande do Norte e era, como Cascudo, um dos membros da ‘Câmara dos Quatrocentos’, órgão consultivo do chefe nacional da AIB.

A formação de um núcleo fascista na Congregação Mariana em 1929 antecedeu mesmo a fundação da seção da AIB local, que se deu apenas em 1933 e, se a formação do núcleo foi influenciada decisivamente pela Legião Cearense do Trabalho, chefiada por Severino Sombra e padre Hélder Câmara, enquanto que a aproximação com o reacionarismo católico se deu pela via da ‘Congregação Mariana Acadêmica de Recife’, liderada pelo padre Antonio Paulo Ciríaco Fernandes.

No que tange ao argumento de nossa comunicação, antes mesmo do fechamento da AIB local no final de 1937, parte dos insumos que levaram tanto ao desligamento da colusão com o fascismo quanto à manutenção do processo colusivo já se aprontavam e, neste sentido, um dos marcos foi a publicação no jornal *A Ordem*, de uma carta de Jacques Maritain, cuja cópia foi enviada de Paris pelo próprio filósofo para Otto Guerra.

Este caso se alinha ao contexto da visita de Jacques Maritain à América do Sul, a qual serviu para retirar do isolamento os católicos que se opunham ao caráter dado pela direita religiosa à Guerra Civil Espanhola.

O texto publicado por Otto Guerra em 3 de outubro de 1937 pode ser considerado um manifesto político e religioso, o qual servia para que um determinado grupo de católicos marcasse posição no âmbito da Arquidiocese de Natal. A carta fora dirigida ao frei

dominicano Sebastião Tauzin, residente no Rio de Janeiro e, dentre outras questões, Maritain denunciava que muitas das notícias da Guerra não passavam de invenções de grupos e nações envolvidos no conflito. O filósofo francês se colocava assim contra o sentido de Guerra Religiosa emprestado ao conflito espanhol e, apontava que os extremistas de direita também sufocavam o senso cristão por meio da violência política como os esquerdistas, sendo por isso condenados com a mesma energia nas encíclicas “Divini Redemptoris” e “Mit Brennender Sorge”. Ainda assim, Maritain lembrava que a política não estava separada da religião e, por conseguinte, os católicos não deveriam abdicar dela, mas, procurar “vivificá-la”, tomá-la pelos meios cristãos, ao invés de buscá-la pela via crua do poder.

A remissão da ideia mauritaniana da “vivificação” da política aos documentos pontifícios seria a tônica de sua adaptação pelos católicos norte-rio-grandenses, opção esta que deve ser contextualizada na disputa que então travada entre o próprio Maritain e o influente padre Antonio Paulo Ciríaco Fernandes, que acusava de heréticas o pensamento defendido pelo filósofo francês no livro “Humanismo Integral”.

Uma das preocupações de Maritain foi demonstrar que inexistiam quaisquer rivalidades com a Sociedade de Jesus ou incompatibilidades dogmáticas entre o seu pensamento e o corpo teológico do catolicismo, colocando todas as questões apenas no âmbito do diálogo de ideias com o padre Ciríaco Fernandes e, para isto mostrando que seu texto estava em sintonia com as autoridades canônicas e com as escrituras.

A acusação de Ciríaco Fernandes certamente possuía defensores no âmbito da Congregação Mariana de Natal e, na medida em que se harmonizava com a “teoria dos dois gládios” se inseria nos posicionamentos de alguns integrantes do fascismo local, liderado *de facto* por Luiz da Câmara Cascudo e, cujos efeitos se podem depreender no impressionante rito político e religioso conduzido por ele em 28 de outubro de 1937 e, que tinha como pretexto reintroduzir os crucifixos nas salas de aula de Natal.

Contudo, o fechamento da AIB, a eclosão da Segunda Guerra Mundial e, a entrada do Brasil no contencioso ao lado dos Aliados formou um consenso acerca das posições políticas do catolicismo em relação ao nazismo e ao fascismo que levaram à ultrapassagem das

posições reacionárias católicas na escala do local e ao subsequente desmonte de sua influência na estrutura da Arquidiocese de Natal.

Essa transformação se deu por meio da adaptação do pensamento de Maritain às circunstâncias da militância local, com a substituição progressiva da Congregação Mariana e seu modelo de atuação, fechado, elitista e centrado no rito, por outro modelo, aberto aos leigos, popular e focado no pragmatismo, substanciado no caso local, pela fundação do setor masculino da Ação Católica em 1943, cuja chefia foi confiada, justamente, a Otto Guerra.

Sintomaticamente, a mensagem de solidariedade da Congregação Mariana de Recife à Congregação Mariana de Natal pelo transcurso de seu 25º aniversário no mesmo ano de 1943, subestabelecida por Ciríaco Fernandes e publicada no jornal *A Ordem* parecia mais um lamento, o anúncio de sua passagem para uma posição subalterna no catolicismo norte-riograndense do que a comemoração do lustre dessa agremiação.

O fato é que apenas um mês depois da mensagem, um sacerdote recentemente ordenado, Francisco das Chagas Neves Gurgel, escreveu um texto publicado em duas partes no jornal *A Ordem*: 'Ação Católica' e 'Natureza da Ação Católica', lembrando que a encíclica "Misericordissimus Redemptor" (1928) do papa Pio XI coordenou a devoção do 'Coração de Jesus' com a do 'Corpo Místico de Cristo'. Redenção.

E, pouco depois, o mesmo padre Gurgel aponta a encíclica "Mystici Corporis Christi" como o novo denominador comum da atuação da Arquidiocese, para anunciar a Fundação do setor Masculino da Ação Católica, para que os fiéis se integrem na vida da graça, no corpo Místico de Cristo. No caso, se distinguia que a Ação Católica não vinha dificultar nem substituir as associações existentes, mas comunicaria a todas as sociedades religiosas, fazendo que os leigos participassem da hierarquia e, frisa, "penetrando onde a batina não consegue entrar [...] para a execução das ordens do Sumo Pontificado".

A encíclica "Mystici Corporis Christi" era então apresentada na fundação do setor Masculino da Ação Católica, para que os fiéis se integrassem na vida da graça, no corpo Místico de Cristo e, apontava que a AC não vinha dificultar nem substituir as associações existentes, mas que comunicaria todas as sociedades religiosas, pois era preciso que os leigos

participassem da hierarquia “penetrando onde a batina não consegue entrar [...] para a execução das ordens do Sumo Pontificado”.

Assim, Neves Gurgel iria constituir uma “Natureza da Ação Católica”, atribuindo-lhe o sentido de 'Redenção' entrevisto na encíclica “Misericordissimus Redemptor”. A relação entre a “Misericordissimus Redemptor” e a “Mystici Corporis Christi” foi feita quando da publicação da encíclica “Mystici Corporis Christi”: o 'Coração Eucarístico de Jesus' e o 'Corpo Místico de [Jesus] Cristo' trabalhado a partir da ideia de uma economia da Redenção e da irradiação da vida apostólica para uma maior compreensão das verdades eternas, tendo em vista prevenir-se contra o paganismo pela formação e expansão da mentalidade católica. Explica-se ainda uma atuação expandida do religioso para a política e a sociedade, visando “santificar o indivíduo sem desarticulá-lo do meio em que se encontra, inoculando-lhe a ânsia de difundir a verdade [...] uma confiança extrema na [...] maior expansão do Reino de Cristo na sociedade.”

E finalmente, se deve colocar que em 1944 a Segunda Guerra era vista por Gurgel como uma guerra civil internacional, contra o nazismo e o racismo, se colocando a necessidade de responder ao problema social e onde a ideia que se fazia do “Corpo Místico” impelia a considerar como foco as virtudes cristãs da Justiça, Pobreza, Liberdade, Solidariedade e Fraternidade e visando a uma planificação que levasse à melhoria das condições materiais, ao desenvolvimento e á educação.

Conclusões parciais de nossa pesquisa:

Primeiro, o Movimento de Natal resulta de uma recepção diferenciada das contribuições de Jacques Maritain, e, no caso, deve-se frisar o diálogo específico de Jacques Maritain com a Sociedade de Jesus;

Segundo, a transformação da estrutura de atuação da Arquidiocese - do antigo clero para o novo clero que atuará no Movimento de Natal é fruto da transição da colusão do fascismo para o político tradicional, levando a transformação da atuação da Diocese: da Congregação Mariana à refundação da Ação Católica, agora sob a liderança de Otto Guerra, em lugar de Ulisses de Góis;

Terceiro, a tradução local da Encíclica “Mystici Corporis Christi” à luz da encíclica “Misericordissimo Redemptor” é uma das chaves não apenas para se compreender a gênese da colusão do catolicismo com o marxismo, mas também para se entender a reinterpretação do repertório da colusão com o fascismo e, inclusive, poderia se compreender enquanto uma leitura local dos eventos internacionais, na medida em que a ocupação de Roma pelo exército alemão havia colocado Pio XII sob a 'proteção de Hitler', apresentando a possibilidade de imobilização dos religiosos pelo político e, tornado essencial para a sobrevivência do catolicismo a ênfase na atuação dos leigos;

Quarto, se deve lembrar que o sentido do metajogo parte mesmo do conceito de 'colusão' e que este se exercita a partir da constatação que o reacionarismo católico cede o seu lugar para uma recepção do marxismo pelo pensamento católico a partir de sua tradução desde de Hegel e Mao-Tsé Tung.

Bibliografia:

BHABHA, H. **O Local da Cultura**. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010.

CAMARGO, C. **Igreja e Desenvolvimento**. São Paulo: CEBRAP, 1971.

FÁVERO, O. **Uma pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB – Movimento de Educação de Base (1961/1966)**. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2006.

FERRARO, A. **Igreja e Desenvolvimento – O Movimento de Natal**. Natal: Fundação José Augusto, 1968.

PEIXOTO, R. & Rodrigues, C. **Olhares sobre os catolicismos no Centro-Oeste, Nordeste e Norte do Brasil**. Cuiabá: EdUFMT, 2016.

PEIXOTO, R. “From Apostles’ Creed to the Cult of the Duce: An exam of the collusion between Catholicism and Fascism in Interwar Brazil. In: Henderson, Gary. (Org.). **Catholicism: Rites, History and Social Issues**. 1ed. New York: Nova Science Publishing Inc., 2017(a), p. 27-54.

_____. “Duas Palavras”: “Os Holandeses no Rio Grande” e a invenção da identidade católica norte-rio-grandense na década de 1930. **Revista de História Regional**, v. 19, p. 35-57, 2014.

_____. 'Creio no espírito cristão e nacionalista do Sigma': Integralismo e Catolicismo nos escritos de Gustavo Barroso, Padre J. Cabral e Câmara Cascudo. In: RODRIGUES, Cândido et al. (Org.). **Manifestações do pensamento católico na América do Sul**. São Paulo: Fonte Editorial, 2015, p. 80-104.

_____. Da Liga Eleitoral Católica à Reação Nacionalista: o percurso do Catolicismo brasileiro rumo à colusão com o Fascismo. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 10, p. 297-332, 2017(b).

_____. System of the Heavens: um exame do conceito de `Colusão? por meio do caso da criação do Núcleo da AIB em Natal. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 9, p. 121-150, 2016.

SHILS, E. **Centro e Periferia**. Difel: Lisboa, 1992.

ZANCA, J. **Cristianos Antifascistas**: conflictos em la cultura católica argentina. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2013.